



Entrevista com Mariano Horenstein* e Bernardo Tanis**

Entrevista concedida por Mariano Horenstein e pelo Dr. Bernardo Tanis em 11 de maio de 2012, na Sala Santiago Wagner, à comissão editorial da Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre: Cátia Olivier Mello, Luisa Rizzo, Vânia Dalcin, Lúcia Thaler, Mariano Horenstein, Eneida Iankilevich, Rosane Schermann Poziomczyk (coordenadora), Bernardo Tanis, Tula Bisol Brum e Suzana Deppermann Fortes.



* Psicanalista didata da Associação Psicanalítica de Córdoba. Editor da *Caliban – Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*.

** Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica. Membro efetivo e docente da SBPSP. Editor da *Revista Brasileira de Psicanálise*.



RP – *É com grande satisfação que entrevistaremos hoje os convidados do XIV Simpósio da Infância e Adolescência da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.*

Bernardo Tanis é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, tem muitas publicações e é editor da Revista Brasileira de Psicanálise. Mariano Horenstein faz parte da Associação Psicanalítica de Córdoba e atualmente é editor da Caliban – Revista Latinoamericana de Psicoanálisis. Por isso julgamos ser este um momento precioso para podermos trocar nossas experiências em editoria.

Mas, antes de mais nada, para conhecê-los melhor, gostaríamos que nos falassem sobre suas respectivas trajetórias pessoal e profissional, formação analítica e principais influências, psicanalíticas e não psicanalíticas, que contribuíram para a maneira como ambos compreendem a mente humana.

MH – É difícil falar de nossa biografia quando achamos que o melhor é o que ainda está por vir. Eu posso contar como me aproximei da psicanálise. Acho que foi essa a pergunta. Na verdade, me aproximei a partir do lugar mais analítico, a partir de um divã. Primeiro, comecei a fazer análise e acabei transformado num analista. Acho, pois, que há uma lógica bem analítica que se apresenta dessa maneira. No meu caso, estudei psicologia e depois fiz a formação psicanalítica na Associação Psicanalítica de Córdoba. Mas o início de tudo foi minha experiência clínica na qual eu era o analisando.

Depois da faculdade, fiz uma residência em saúde mental em quatro hospitais. Tive a possibilidade de uma experiência clínica desde muito cedo, na faculdade, porque trabalhava com pacientes em clínicas e instituições. Isso me permitiu compensar algo que, na Argentina, é um grande inconveniente: as faculdades de psicologia são muito ancoradas no teórico. Não temos essa proximidade com o sofrimento humano que têm os que vêm da medicina. Estes até podem sentir falta de uma série de conceituações teóricas sobre a mente humana, mas têm essa proximidade com o sofrimento e com a morte que acho que marca muito a clínica de alguém. Eu procurei isso, em algum outro lugar, enquanto estudava psicologia.

Quanto às principais influências, minha maneira de pensar a psicanálise pode e deve nutrir-se de muitas coisas. Sinto um certo tédio ao pensar num caminho de formação que abranja somente a bibliografia psicanalítica. Acho que isso leva a certa esterilidade. Então, meus caminhos de aprendizagem são, em primeiro lugar, a clínica e uma certa atitude de perplexidade diante da clínica (a posição do



“não entender”). Quando eu sinto que entendo muito, já fico preocupado.

Por outro lado, no estudo da psicanálise, eu me interessei fundamentalmente pela linha freudiana e pela escola francesa de psicanálise. Freud e Lacan são os autores que mais leio. Além disso, tenho a concepção de que a cultura não é uma espécie de atividade secundária para um analista, ou um departamento acessório numa instituição analítica; a psicanálise é uma atividade da cultura e para mim é difícil pensar na formação de um psicanalista sem ler, sem ir ao cinema, sem viajar, sem se colocar nesse tipo de situações que não vejo como um enfeite, mas como a medula do trabalho analítico.

BT – Apesar de nos conhecermos há relativamente pouco tempo, Mariano e eu temos certas afinidades bastante grandes na forma de pensar uma série de questões. Se bem que me aproximei da psicanálise não diretamente pelo divã, mas a partir de uma angústia de mudança, de uma vontade de mudar.

Falamos aqui no Simpósio das histórias contadas e de como nos constituímos a partir de algumas delas. Comecei minha história profissional estudando química. Tornei-me um modelo diferente de químico, com certas expectativas. Isso já acontecia bem antes, desde o colégio, na Argentina, onde trabalhávamos com grupos operativos inspirados na proposta de Pichon Rivière. Disso ficaram sementes: marcas e traços que temos que trabalhar em algum momento. Aí você vai para o divã – e começa a pensar e a questionar. Foi quase natural essa aproximação.

Vim depois para o Brasil. Cursei a faculdade de psicologia na USP e pus-me a estudar psicanálise. Comecei a atender e a iniciar a minha formação no *Sedes Sapientiae*, em São Paulo. Me aproximei do núcleo de psicanálise de crianças: como já trabalhava com crianças, me envolvi muito, tornei-me docente e supervisor. Uma coisa curiosa é que a questão lá funciona da seguinte forma: você não ensina porque sabe – ensina porque tem vontade de aprender. Isso mobiliza você a estudar. Na sequência, fui sentindo necessidade de aprofundar a formação, de me desenvolver mais. Foi então que procurei a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Naquele meio tempo, entre uma coisa e outra (na ocasião a SBPSP estava fechada para novos candidatos), me interessei pela ideia de que a psicanálise pudesse dialogar com outros campos do conhecimento. A questão da cultura sempre foi para mim um elemento central. Não consigo conceber a psicanálise desvinculada da cultura. E não a título de enfeite ou erudição, mas a cultura como funcionava para Freud, como uma das matrizes fundadoras do pensamento psicanalítico e também como elemento constitutivo da nossa subjetividade.



Meu passo seguinte foi seguir para a universidade fazer mestrado e doutorado (orientado por Renato Mezan), buscando sempre um diálogo de interface dos temas psicanalíticos com os temas da cultura. Se vamos estudar a temporalidade em psicanálise, é importante saber como é que um historiador pensa a temporalidade, como é que um físico pensa a temporalidade. O que podemos aprender com eles, o que podemos lhes oferecer? Foi o caminho que segui. Surgiram daí possibilidades, convites – e as coisas foram se aprofundando em ambas áreas em que atuava.

Em termos dos autores que nos marcam, sempre fui muito apaixonado pelo próprio Freud. Uma confissão que não tem nada de original: simplesmente constata uma evidência. Além de ser o fundador, é o que oferece a maior abertura, a possibilidade de você sempre encontrar, nos momentos de impasse e angústia, algo que o estimula a pensar. Gosto igualmente de estudar os autores franceses, como Laplanche, Aulagnier, Pontalis, Fedida e tantos outros que aprenderam, dialogaram e questionaram Lacan, e que promovem um diálogo interessante entre diferentes pensadores da psicanálise. Prezo muito o pensamento de Winnicott. Hoje em dia, não é raro Winnicott ser colocado num paradigma um pouco fora do campo psicanalítico geral. Eu o vejo como referência inspiradora de autores como André Green, René Roussillion, que promovem um diálogo fecundo entre o pensamento inglês (incluindo Klein e Bion) com a fonte freudiana. Me identifico com esse modelo dialógico e complexo de conceber a clínica atual.

RP – Gostaríamos, então, que nos falassem da sua experiência como editores em importantes revistas de psicanálise. Especialmente sobre as repercussões dessa função na vida profissional de vocês.

MH – Minha experiência como editor tem basicamente dois pilares. Um dos pilares é a *Revista Docta* da Associação Psicanalítica de Córdoba, uma revista que aprecio muito, não somente porque faço parte dela desde sua fundação, mas porque em Córdoba temos uma Sociedade relativamente pequena, o que, para algumas coisas é muito problemático, mas, para outras, é maravilhoso porque não precisamos lidar com o peso de uma tradição. Às vezes é complexo mudar a tradição em alguns hábitos de publicação. Nós pudemos inventar uma revista que é nova, que dá vontade de ler: o que recebemos dos leitores são demonstrações de agrado. Não tem assinatura compulsória, pode-se resolver não recebê-la. É uma revista que fazemos pensando no leitor, uma revista que gostaríamos de ler se fôssemos um leitor. Tem, por um lado a clínica, abre espaço para diferentes correntes do pensamento, e ao mesmo tempo abre espaço para a cultura, espaço



onde os psicanalistas escutam algo que vem de um espaço mais estrangeiro. Durante todos os anos que trabalhamos nesse projeto, tem sido muito prazeroso; montamos uma equipe, e agora parte dessa equipe de trabalho dá continuidade à tarefa. Eu já não estou mais na direção. Neste momento estou trabalhando na montagem, juntamente com um grupo grande de colegas, da *Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, que está sendo praticamente refundada, por isso o nome *Caliban*. Acrescentamos um nome à *Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, que existe há vinte anos, mas com uma publicação um pouco errática, mudando o formato, a periodicidade, o idioma. Agora, com um projeto da atual direção da FEPAL, os estatutos foram reformulados e a revista passa a ter autonomia para que possa crescer. Tem um corpo editorial que vai além de cada comissão diretiva da FEPAL. Esta tem uma gestão de dois anos e a da revista de seis anos. E irá se renovando por terços.

Então, a ideia é que a revista da FEPAL tenha autonomia e que haja um crescimento da publicação. Há poucos dias apresentamos um projeto aos presidentes das Sociedades Latino-americanas em Montevideú; a Viviane Mondrzak da SPPA estava lá. Apresentamos o estado atual do projeto. Não sei se é o momento certo para contar isso a vocês...

RP – *Sim.*

MH – A revista vai ter algumas sessões permanentes e algumas transitórias. Uma das permanentes é a chamada sessão *Argumentos*, que respeita mais os cânones tradicionais das revistas científicas. Ali haverá trabalhos recebidos, avaliados em duplo cego, ancorados tematicamente. Ou seja, cada número será temático. Haverá uma particularidade na interface gráfica da revista, isto é, linhas de ambos os lados convidando o leitor a escrever na revista, questionar, fazer associações, riscar. Queremos uma revista na qual se escreva e que não fomente nenhuma leitura acrítica. Não queremos que os leitores leiam dogmas. No primeiro número, essas linhas estarão ocupadas por comentários feitos por analistas filiados à FEPAL sobre os trabalhos pré-publicados para o congresso de São Paulo. A revista será lançada lá com o tema do congresso que é *Tradição e invenção*.

Depois haverá outra sessão chamada *O estrangeiro*, onde serão publicados ensaios escritos por alguém que não é psicanalista sobre o tema dessa edição. Na primeira edição publica-se um ensaio de uma filósofa sobre *Tradição e invenção*. No segundo número, sobre o *Tempo*, Bernardo será um dos autores. Nessa sessão, constará o trabalho de um matemático e poeta sobre o tema do tempo. Um dos números será sobre o *Excesso*; então procuraremos alguém que possa dizer algo



sobre o excesso e que trabalhe – quem sabe? – com o corpo. A ideia é procurar uma visão que seja estrangeira à psicanálise.

Depois, há outra sessão que é uma das que mais me agrada e que se chamará *Cidades imaginárias* ou algo desse tipo e que vai ser de crônicas. A ideia é fazer – edição a edição – um percurso pelas cidades analíticas latino-americanas e ler um pouco sobre como é cada uma. Não se trata de um trabalho científico, mas crônicas nas quais a intenção é aprender como se desenvolve a prática psicanalítica, por exemplo, em Caracas. Ou em São Paulo, ou em Córdoba, ou em Buenos Aires, a partir do nível do cotidiano, dos fatos. Já temos alguns trabalhos para os primeiros números, belíssimos, extremamente interessantes. Acho que será uma das primeiras sessões a serem lidas.

RP – *E escrito por psicanalistas?*

MH – Sim, escrito por psicanalistas, mas nesse tom, no tom de crônica. E depois, em cada número, haverá um *Dossiê* sobre disciplinas ou temáticas alheias à psicanálise. Há dois espaços onde entra o externo à psicanálise: um é a sessão *O estrangeiro*, o outro é o *Dossiê*. A regra nessa sessão é que o psicanalista não escreva. No primeiro número, o *Dossiê* será sobre arte contemporânea, porque a revista será lançada quando ocorrer a Bienal de São Paulo. Então, haverá ensaios e entrevistas com artistas, curadores, críticos culturais. Esse número se organiza a partir de duas perguntas. Uma é o que podemos aprender, nós, psicanalistas, com a arte contemporânea. É a antípoda da psicanálise aplicada à arte. Ou seja, a ideia não é o que os psicanalistas podem dizer sobre a arte, mas o que os psicanalistas podem aprender com a arte, já que, como diziam Freud, Winnicott, Lacan, os artistas sempre estão um passo à frente de nós. Então, o que podemos aprender do que está acontecendo na arte contemporânea? Quanto à segunda pergunta, o psicanalista que estrutura o dossiê vai considerar se o que acontece na arte, seja latino-americana ou mundial, serve como espelho para pensar o que acontece na psicanálise latino-americana em relação à psicanálise mundial.

Mas a revista também tem uma proposta política, no sentido de uma política científica forte e por isso o nome *Caliban*, um anagrama de Canibal, personagem de uma tragédia de Shakespeare que se chama *A tempestade*. Isso foi usado por vários pensadores latino-americanos para considerar um pouco como é a produção de conhecimento na América Latina em relação à produção nas metrópoles Nova York, Paris, Londres. Retomando *Caliban*, ele é o personagem da tragédia de Shakespeare que nunca aprende a falar bem o inglês, só o balbucia e aparece





como o estereótipo de um selvagem horroroso, estuprador, que é como o nativo é visto pela Europa.

A ideia é usar esse nome ironicamente e fazer disso um produto, criar uma plataforma onde possamos discutir a psicanálise latino-americana. A revista, como objeto, vai ser muito bonita, com muito trabalho gráfico. Falando com Bernardo, dizíamos que, por exemplo, na Argentina, ignoramos quem é Fábio Hermann, só sei que é uma pessoa muito importante, mas sabemos quem foi o último discípulo surgido em Londres ou em Paris. E não sabemos o que está sendo discutido em Bogotá neste momento. Não existe uma revista que possa abrir espaço para esse debate. Por isso, por um lado, vamos debater entre nós e, por outro, queremos que a revista seja uma espécie de vitrine da psicanálise latino-americana para fora. Terá duas versões, uma em espanhol e outra em português e também uma versão *online* em inglês.

Retornando ao nome *Caliban*, estes pensadores latino-americanos diziam: *Caliban* pode produzir conhecimento teórico ou está condenado a balbuciar, que é o que acontece com o personagem de *A tempestade*? Balbuciar, repetir uma coisa mimética do conhecimento que vem de Londres ou de Paris? A ideia é trazer uma resposta nesse sentido e incentivar a publicação de trabalhos originais, é fazer um levantamento do que pode haver de novo no pensamento atual, onde publicaríamos hoje Freud, Klein ou Lacan, se surgissem. Ora, os pensadores que fizeram a psicanálise avançar sempre representaram certa ruptura, certa originalidade e certa multiplicidades de aportes. Isso cria dificuldades porque os parâmetros de avaliação sempre costumam ter alguma rigidez, mas a ideia é estarmos atentos ao novo.

Vou falar rapidamente sobre outras sessões. Há uma chamada *Vórtice*, como se fosse o olho de um furacão – é esse o significado de vórtice. Nela haverá espaço para os pontos conflitantes da psicanálise, pontos de debate. No primeiro número, montamos um tipo de dossiê sobre a transmissão da psicanálise. Haverá diferentes vozes: testemunhos, ensaios, dados históricos sobre a formação analítica em diferentes latitudes, como está sendo pensada agora na América Latina. Depois, haverá outra sessão chamada de *Clássica e moderna*, ou algo nesse estilo, onde teremos autores latino-americanos clássicos com uma visão contemporânea. Não tanto para fazer-lhes uma homenagem ou algo mais histórico, mas para tentar trazê-los para a contemporaneidade.

RP – *Acho que nós todos ficamos com muita expectativa, muita vontade de ler o Caliban. A frequência é anual?*



MH – Três vezes por ano. O estatuto diz isso. A ideia é que seja uma revista indexada nos bancos de dados internacionais. Há uma série de exigências para isso.

RP – *Algo interessante para conversarmos aqui seria sobre a edição online (como o Mariano comentou da Caliban). Temos discutido muito, também, essa possibilidade. Como existe muito material clínico nos trabalhos, há divergências entre colocar ou não a nossa revista online em função do sigilo. Quem sabe o Bernardo fala um pouco da sua experiência e inclui também a questão da edição online?*

BT – Acho essa questão superimportante. Antes de abordá-la – já que ela tem a ver com o que temos tentado fazer na *Revista Brasileira* – falo um pouco do meu percurso. Minha primeira experiência editorial começou com o *Jornal de Psicanálise*, na Sociedade de São Paulo. Ligada ao instituto, a publicação tem como foco principal o debate de questões ligadas à formação psicanalítica. A ideia é divulgar trabalhos de membros filiados e de candidatos, em que a formação analítica possa ser discutida de forma bastante aberta e livre.

Trata-se de um espaço valioso, já que a questão não encontrava lugar na *Revista Brasileira* ou em outras revistas da Sociedade. Foram lançados números temáticos que propunham discutir por que se estudam certos autores, a função da supervisão e problemas correlatos. Assuntos, enfim, do dia a dia da formação analítica, por meio da colaboração de autores brasileiros e do exterior.

Essa foi minha primeira experiência. Dispus-me em seguida a editar a *Revista Brasileira de Psicanálise* atendendo ao convite de Plínio Montagna. Quando isso ocorreu, algumas pessoas me falaram: “- Você vai assumir a *Revista Brasileira*, Bernardo? É uma revista burocrática, institucional, é a revista ‘oficial’ da Febrapsi. Como vai ser?” Essa também era a minha visão inicial, talvez preconceituosa. Acontece que a linha da publicação passara a se enriquecer e a se transformar no decorrer dos anos e das respectivas gestões. Mudança das mais significativas tinha sido levada a cabo pelo editor que me antecedeu, Leopoldo Nosek.

De minha parte, concentrei-me em valorizar a produção psicanalítica do Brasil. Tendo participado da diretoria da Fepal – e, pois, da organização do Congresso da Fepal – pude constatar a dificuldade de o pensamento psicanalítico brasileiro conquistar espaços de modo mais direto. Dupla era a nossa intenção. Por um lado, construir uma tradição de maior rigor na publicação: qualificar e selecionar com apuro e isenção os textos a serem publicados. Ao mesmo tempo,



por meio de números temáticos, captar assuntos do momento, que estão no ar, despertando atenção e discussões.

Um dos primeiros números que pautamos chamou-se *Variações e fundamentos*. Falamos sistematicamente, o tempo todo, sobre variações no modo de atendimento, além do atendimento padrão. O que os nossos profissionais estariam fazendo, de que modo se permitem fazê-lo e que sentido dariam a isso? Expedimos cartas convite para todos os analistas do Brasil. O esforço resultou num belo número.

Lançamos um número agora sobre a questão *Ética na clínica*. Ética em psicanálise também envolve questões muito significativas no dia a dia do analista: respostas que devem ser dadas e situações clínicas que se impõem ao analista, que se sente muito sozinho para pensá-las. Ou talvez só pense sobre as mesmas numa supervisão ou na análise, não num fórum coletivo, num debate mais amplo.

Tal aspecto da revista é importante, o de captar temas. O outro, que tem a ver com o que o Mariano falava, é que a *Revista Brasileira de Psicanálise* sempre exibiu uma marca – reafirmada com ênfase na gestão do Leopoldo – que remete ao espírito de seu fundador, Durval Marcondes, e à chegada, em 1927, da psicanálise no Brasil. Entrada esta relacionada com o modernismo: a revista sempre foi muito ligada à cultura. A psicanálise no Brasil esteve inicialmente bastante vinculada aos movimentos culturais. Alguns grupos, posteriormente, se vinculariam mais à psiquiatria e às instituições psiquiátricas. Em São Paulo, no entanto, o vínculo com a cultura nunca enfraqueceu. Organizamos, assim, um número sobre o corpo, que se abria com uma entrevista com uma coreógrafa e bailarina da companhia de dança de São Paulo, falando da dança e do corpo e de que modo isso é vivido.

Há uma nova e especial sessão em que psicanalistas dialogam com a entrevista, escrevem, comentam, bem como uma outra de interface que antes não existia. No número sobre ética, consta um texto de um médico sobre bioética, outro de um filósofo sobre ética e outro ainda de um jurista. Pretende-se que esse diálogo seja permanentemente instalado. A ideia é basicamente esta: que a revista não seja um espaço exclusivo de textos estritamente psicanalíticos, e, sim, um ponto de encontro e de diálogo da psicanálise com outros campos do conhecimento. Um celeiro multicultural, que estimule a escrita e a leitura de trabalhos produzidos no Brasil e sobre a nossa realidade.

Quanto à questão específica da publicação *online*, organizamos no congresso brasileiro uma mesa-redonda com todos os editores de revistas do Brasil. Tal se deu a partir da percepção de que cada sociedade tem hoje uma ou mais revistas. Cria-se um novo grupo de estudo. E qual sua primeira providência? Lançar uma



revista. Temos na Febrapsi cerca de quinze, e isso impõe uma indagação crucial: há massa crítica para tantas revistas e tantos autores? Agora surge *Caliban*, mais uma publicação interessante, fantástica. No entanto, nos indagamos se temos massa crítica para tanto. Seremos lidos?

Há, ao mesmo tempo, as pressões das indexações que nos levam à questão: vamos fazer revistas *online*, publicá-las? Para que possamos entrar em certos organismos tipo Scielo a revista deve estar toda *online*. Não só isso, há exigências sobre o tipo de artigo, o tipo de padrão. Até que ponto é interessante para a psicanálise entrar nessa modalidade? Por um lado, quem escreve quer que seu trabalho seja divulgado. Não adianta fazer uma linda revista que mofará na prateleira. Por outro, que preço estamos dispostos a pagar? Se um analista é informado que o texto de sua autoria estará *online* no universo da *web*, que trechos de material clínico – mesmo apelando para subterfúgios – ele ousará introduzir? Delicadíssimo dilema, não? Isso pode inibir os autores. No fim das contas, pode ser interessante que a revista assim circule. Colocam-se questões difíceis de resolver, questões éticas em jogo.

Daí a razão do número sobre a ética, no sentido de debater essas questões, pois não há respostas prontas. Parece-me que a conversa entre editores – à qual daremos sequência no congresso da FEPAL – é muito importante para que possamos ir adiante. Uma das formas é nos juntarmos aos editores de revistas de psicanálise para pressionar os órgãos (Scielo e outros) que fazem as indexações dizendo-lhes: “– Olhem, para as revistas de psicanálise talvez possamos ter uma publicação *online* dos resumos e de alguns artigos, não de todos”. Porque eles só aceitam assim: ou tudo *online* ou nada. A situação vai depender de que nós, editores, possamos nos reunir e chegar a algumas posições de consenso e que, de alguma forma, possamos dialogar com os órgãos que fazem tais indexações.

RP – *Até porque a psicanálise entrou na sociedade rompendo padrões estáticos. E se, obrigatoriamente, tivermos que fazer todos os artigos no mesmo modelo, atendendo aos mesmos padrões, não estaremos perdendo um pouco do caráter revolucionário, digamos assim, ou de ruptura da psicanálise? Nos submetemos para poder divulgar?*

BT – As implacáveis regras acadêmicas, não é? Ou de titulação, por exemplo. Para certos órgãos de indexadores o corpo editorial tem que ter no mínimo tantos autores. É uma exigência que parte da academia e que não respeita muito o campo da clínica e a sua singularidade. Por outro lado, as instituições psicanalíticas e os tempos foram mudando e já não somos tudo aquilo que julgávamos ser. A





gente também deve começar a pensar em como dialogar e não ficar numa certa *torre de marfim* e pensar que somos imunes a tudo isso que está acontecendo no mundo. Temos que sair um pouco de nós e irmos para o outro. Nesse movimento, acho possível, em algum lugar, encontrar um caminho.

MH – O assunto que o Bernardo aborda é muito complexo e não está resolvido. Sempre há uma espécie de conflito entre a institucionalização e a psicanálise e o mesmo ocorre no campo da edição. Julgo muito bom estar indexado e participar dos debates da comunidade científica, sempre e quando não abandonarmos o terreno da psicanálise. É como o que se conta sobre Einstein explicando a teoria da relatividade. Já ouviram, com certeza. Alguém pede a Einstein que explique a teoria da relatividade. Ele explica uma vez, e a pessoa diz que não entende. Então ele torna a explicar de uma maneira mais simples, e a pessoa torna a dizer que não entende. Ele explica pela terceira vez de uma maneira ainda mais simples e a pessoa diz novamente que não entende. Ele torna a explicar e a pessoa diz: “– Agora sim, entendo.” Bem, mas já não é mais a teoria da relatividade.

Acho que há algo dessa ameaça pairando sobre as publicações analíticas. Se assumimos o padrão de uma revista científica que poderia ser um jornal de psicanálise ou de dermatologia, ou ortopedia e traumatologia, desvirtuamos totalmente o que é a psicanálise, o que retoma o que falávamos no início sobre o lugar da cultura. A psicanálise não é uma especialidade médica. Acho que isso incide muito em como ela é pensada pelas publicações. Esse será um ponto complexo.

De qualquer maneira, a publicação *online*, a digitalização é um processo inevitável e a forma de fazê-lo será negociada. Mas acho que ainda haverá, por muito tempo, um lugar para o objeto, para ter a revista nas mãos, poder tocá-la, apalpá-la, guardá-la na biblioteca, colecioná-la. Na América Latina deve haver mais de trinta revistas; há Sociedades que não têm nenhuma, mas há outras que têm até três, mas que não circulam. Em geral são todas deficitárias financeiramente. Não sei como é a situação de vocês aqui. A maioria das revistas não gera o desejo de lê-las. Às vezes não gera sequer o desejo de retirá-la das instituições quando a entrega é compulsiva, juntamente com a parcela paga. Em algumas que conheço houve situações que beiram a paródia. Por exemplo, há instituições que têm problemas *estruturais*, de estrutura do prédio devido ao peso das revistas acumuladas porque os sócios não as retiraram. Porque, pensem, edições grandes que começam a acumular várias centenas de quilos, número a número, acabam se transformando num problema.



E eis um ponto que vale a pena pensar: se vale a pena ter tantas revistas. É paradoxal pois estamos propondo uma revista nova. Mas acho que as revistas estão sendo pensadas mais em torno da necessidade dos autores de publicar do que da necessidade dos leitores de ler e da necessidade de novas ideias. Porque, na realidade, há muito material publicado, mas, quando observamos criticamente o que é publicado, encontramos poucas ideias novas em circulação. Há muita repetição, muita citação, muito trabalho que faz tudo da forma correta para que possa ser lido numa determinada escola – seja qual for essa escola. O que, em geral, faz com que grande parte dos textos seja muito entediante, não ensine muito, a única utilidade sendo satisfazer o autor, que pode contar um trabalho a mais entre as suas publicações. Mas acho que uma das coisas que se deve pensar, mais do que no número de revistas, é se estamos fazendo publicações interessantes, que trazem algo novo.

RP – *Mas isso não ocorre só nas revistas de psicanálise; nas de medicina, também...*

BT – O fenômeno é geral. Concordo totalmente com o Mariano. Na *Revista Brasileira*, o que temos tentado é uma intervenção no campo. Ao selecionar temas que são atuais e trazer autores diferentes para problematizá-los, ou convidar pessoas de outras áreas para escrever, alguma coisa você tira do lugar. Dentro dessa ideia do estrangeiro, um elemento disruptor é introduzido e a pessoa se olha. Claro, nem que seja pelo menos para dar uma folheada. Foi essa a nossa intenção em relação à revista: que as pessoas tivessem, no mínimo, vontade de folheá-la, de olhar um pouco. Gera-se, assim, alguma coisa nova com potencial transformador.

Acho que o problema não é só das revistas: abrange e reflete também o que acontece no interior das instituições psicanalíticas. Candidatos apresentam trabalhos para passar a membro associado, a membro efetivo. Quantos desses textos não são feitos para cumprir meras normas burocráticas? Do que nós estamos falando é da formação analítica em si, da política científica da psicanálise. Vejo as revistas muito ligadas à formação e a uma política científica. Se ela consegue dar a sua contribuição para arejar o cenário, instigar e provocar com um artigo interessante que não está no cânone, mas que desperta, que contém ideias e é publicado, tudo isso é um estímulo para que se tenha mais liberdade para escrever e ousar publicar.

Da arte de escrever à coragem de publicar foi o tema de um evento organizado pelos membros filiados ao Instituto da SBPSP. Uma das questões que debatemos era a de tentar detectar os fatores que impelem alguém a escrever, que



não apenas os institucionais. O nosso trabalho analítico é solitário, se passa entre quatro paredes. Às vezes, há algo daquela análise que foi conduzida, em que se trabalhou e que, para o analista, se conclui tão só no instante que ele fixa aquilo por meio da escrita.

Há igualmente uma série de inibições na hora de redigir e publicar: para quem estou fazendo isso? Para meus pares, meu supervisor? Meu analista? Não mais que para constar? A função editorial é uma função que não se esgota em produzir a publicação. A meu ver, ela tem a ver com produzir o debate sobre o que é a escrita em psicanálise, o que é publicação em psicanálise, para quem a gente a faz. Acho que vai muito além de simplesmente finalizar mais uma edição.

RP – Acho que nós, como somos da comissão editorial, ficaríamos o tempo todo falando sobre essas questões...

Mas também é importante comentarmos aqui assuntos relativos ao Simpósio da Infância e Adolescência. Elaboramos algumas questões sobre as quais vamos, na medida do possível, conversar, dentro do nosso tempo, que é limitado. Por exemplo, há autores que têm defendido a ideia de que a infância e, por consequência, a adolescência não correspondem mais aos conceitos preconizados na modernidade. A infância protegida, inocente, o adulto de amanhã não corresponderiam mais às crianças que habitam a pós-modernidade. O que vocês pensam sobre isso?

MH – Posso falar em relação à adolescência, tema do qual estou mais próximo. Sobre isso, há algo interessante. A adolescência não é um conceito psicanalítico, nós o importamos e penso que é preciso colocá-lo *entre aspas*. Ao mesmo tempo trata-se de um construto cultural. A adolescência é um momento de passagem. Houve épocas da história da humanidade em que essa passagem era reduzida a um ritual, um momento pontual no tempo, praticamente virtual. Passava-se da infância para a idade adulta quase sem transição. Um momento como o atual, em que a adolescência pode durar quase indefinidamente, é praticamente uma novidade.

Para mim, a adolescência é um dos momentos privilegiados para se detectar as mudanças de época, de fase, um momento particularmente sensível. Nesse sentido, a sintomatologia e a duração variam muito em relação à época. Isso acarreta certa vulnerabilidade, essa espécie de sintonia fina que a adolescência tem com a época. Há uma imagem que, para mim, é muito gráfica para pensar a adolescência. Eu me criei numa província de vitivinicultores. Quando visitamos vinhedos, vemos fileiras de videiras, em cujas pontas há roseirais. Isso não tem



uma função estética para tornar os vinhedos mais bonitos ao turismo enológico, mas sim uma função prática: as rosas contraem antes as pragas que podem vir a afetar as videiras e matá-las. Na realidade, os vinhedos estiveram a ponto de desaparecer da face da terra. E, na Europa, desapareceram devido a uma praga. Ou seja, as pragas são um tema sério em relação aos vinhedos. Os vitivinicultores colocam roseirais para que esses *pesquem* a doença antes que ela apareça. Quando notam que as rosas estão infectadas, já podem aplicar pesticidas sobre os vinhedos. Para mim, os adolescentes são, em relação ao social, esses roseirais. Eles têm esse lugar. A mesma coisa acontecia nas minas: eram colocados canários numa certa altura. Quando havia gases que poderiam matar os mineiros, os canários estavam num lugar onde morriam primeiro. Os mineiros então tinham tempo para sair das minas. Isso pode se comparar à sensibilidade e à fragilidade do adolescente diante do seu tempo. Para mim, essa metáfora é muito ilustrativa para se pensar nessa espécie de consonância tão forte dos adolescentes com a sua época e na extrema vulnerabilidade em que se encontram.

BT – Acho que se falou bastante dessas mudanças da infância, da adolescência, da cultura e das transformações da subjetividade. Embora a ideia da adolescência seja um conceito social, a da infância também o é. Se pegarmos os trabalhos de Philippe Ariès, veremos aquelas criancinhas vestidas de rei, de princesa, portando-se como adultos. Lembro-me que, em uma viagem para a Áustria, num restaurante – no qual crianças não eram aceitas – vi um cachorrinho sentado numa cadeira à mesa.

Qual seria o lugar da criança em determinadas culturas? No Brasil, pelo contrário, a criança reina com total liberdade nas casas, nas famílias, nos espaços. Minha infância foi na Argentina e, em Buenos Aires, o lugar da infância era muito mais contido. Não só por uma questão dos tempos, mas de relação com o lugar atribuído à infância.

Há muito a discutir sobre essa cultura em relação à infância. Temos uma concepção – creio que específica da psicanálise – de que o infantil não coincide propriamente com a infância. Alguns psicanalistas que trabalham com crianças e muitos psicólogos confundem essa noção. É uma das questões que quem trabalha com crianças sabe. Às vezes há a demanda da escola, dos pais, dos psicopedagogos, dos fonoaudiólogos: todo o mundo se ocupa da criança.

Quanto ao psicanalista, acho que este perde a sua especificidade quando esquece que o seu foco é o infantil, independentemente da cultura. É claro que ele muda, conforme certos determinantes da cultura vão entrando como reais no universo da subjetividade infantil. Mas é com o infantil que a gente lida. Não



podemos esquecer que lidamos com a sexualidade infantil. O grande ponto, o ponto central de Freud tem a ver com a pulsão, com a sexualidade infantil, com as marcas inscritas. A partir daí, podemos ver o que acontece quando as crianças são erotizadas por intermédio dos jogos, da propaganda, da mídia.

Uma discussão muito interessante diz respeito ao tempo de latência na nossa cultura. É uma noção bastante importante a de que ela vai sendo esmagada, comprimida. E você quase transforma as crianças em adolescentes. Com seis, sete, oito anos elas já são pequenos adolescentes. E o tempo, que era da latência, de desenvolvimento do pensamento, de certa calma da sexualidade infantil, transforma-se numa coisa que virá com a puberdade, com o despertar. Nossa cultura não respeita isso: tem necessidades mercadológicas muito fortes de sexualizar rapidamente a infância. Nós, que trabalhamos com crianças, precisamos atentar muito para isso.

Outra questão tem a ver com a composição das estruturas familiares. A estrutura familiar mudou enormemente. Famílias existem compostas por filhos de dois, três casamentos. Quem são os irmãos hoje? Como se define o laço fraterno? E as relações edípicas nesse contexto? Há relações tais como homoparentalidade e de casais homossexuais que adotam crianças. Como tais fatos repercutem na clínica?

E o tema de bebês de proveta? Situações em que uma mulher recebe um óvulo de outra mulher, que é fecundado, externamente, por um homem e nela implantado. Esse filho passa, assim, a ser dessa mulher. O óvulo, contudo, veio de outra – e o pai sente que tem mais direito sobre a criança, já que o espermatozoide é dele.

Enfim, de que modo os vínculos imaginários – que, de alguma forma, irão repercutir na criança e na sua subjetividade – vão se constituir em nossa cultura? Não que sejam piores ou melhores dos que existiam nos tempos da modernidade: são outros. Não podemos ficar nostálgicos em relação àquilo que foi e passou. Cabe-nos entender e pensar em como trabalhar as questões atuais. Temos que ficar abertos e muito em sintonia com o nosso método de trabalho, no sentido de privilegiar essa questão na clínica e não certas ideias quase normativas sobre como o indivíduo deve ser. Se entrarmos nessa normatividade superegoica, adotando-a como modelo psicanalítico, enfiaremos os pés pelas mãos. Cumpre-nos receber esse novo, mas sem idealizá-lo e sem transformar em melancolia a perda do antigo. Acho ser esse o grande desafio dos analistas que trabalham com crianças.

Outro tema de peso parece ser o das exigências e pressões. Pressões que, como analistas de crianças, enfrentamos numa sociedade na qual a tristeza é



condenada. Ninguém pode ficar triste. No mundo adulto, os pais se medicam com antidepressivos, uma vez que todos devem se sentir felizes, contentes. Mundo esse que é o da abundância, do consumo suntuário, sobretudo entre as pessoas que chegam para psicanálise nos consultórios.

Nesse mundo, o que nos é demandado pelos pais? Que devolvamos a eles crianças felizes, já com o nosso compromisso de prepará-las para que sejam pessoas de sucesso no futuro. Qual é a expectativa? E até onde a gente se compromete ou não – às vezes até inconscientemente – com esses ideais que nos são demandados?

Diversas e difíceis são as questões que a contemporaneidade nos coloca. Precisamos nos manter atentos. Não necessariamente para mudar nossa forma de trabalhar, mas para evitar as muitas armadilhas em que se pode cair.

RP – *Entram muitos fatores no campo, não é?*

BT – Muitos.

MH – Algo interessante na psicanálise é que esta sempre se situa na contramão da contemporaneidade. E, se acaso não estiver, deveríamos suspeitar. Um acoplamento excessivamente sem ruídos com os tempos em que vivemos, acredito não ser um bom sinal.

RP – *E, nesse sentido, que teorias vocês têm encontrado que consideram como bom aporte para orientar o trabalho clínico com crianças e adolescentes?*

MH – Na verdade o que eu mais leio é Freud e Lacan. Na realidade, nenhum dos dois trabalhou muito sobre jovens...

RP – *É que o nosso trabalho é com o inconsciente das crianças, dos adolescentes e dos adultos...*

MH – Vou comentar com vocês o que acontece comigo em relação à bibliografia sobre a adolescência em geral. Acho a bibliografia, salvo honrosas exceções, tremendamente tediosa. Me acontece algo que sinto não se encaixar com o objeto de estudo: sempre chamou minha atenção o fato de que se escreva de uma maneira tão fechada sobre esses temas da juventude, um objeto de estudo tão vivo, tão interpelador, tão em sintonia com os tempos. Comparando, há outra linha de bibliografia analítica, em minha opinião especialmente entediante, que é



a bibliografia sobre psicossomática. Mas nela há certa sintonia porque o que se escreve sobre psicossomática é tão fechado e aplainado quanto o que se passa com os fenômenos psicossomáticos. Isso conseguimos entender.

Agora, quando se trata dos jovens, não. Então encontrei alguns autores com pequenos livros que me ajudaram muito. Mas, como você dizia, eu tento pensá-los a partir dos conceitos nodulares da psicanálise. E o fato de que os autores que eu mais sigo não tenham pensado particularmente na clínica com jovens me proporciona uma espécie de liberdade que é a de aprender dos jovens. Precisamos sentar diante dessa clínica abertos a aprender de cada jovem. Para mim é muito difícil ter a sensação de que sei alguma coisa sobre isso. Isso, clinicamente, em termos pessoais, funciona, permite-me trabalhar de uma maneira mais confortável. Ao mesmo tempo, há algo que me acontece, não só com os jovens, que é nutrir-me de outras coisas que vêm de fora do âmbito psicanalítico e que acabam sendo enriquecedoras da escuta. Por exemplo, ler a *Laranja mecânica*, ou Salinger com *O apanhador no campo de centeio*, ou Witold Gombrowicz com algumas ideias sobre a adolescência é, para mim, às vezes, muito mais interessante do que ler todas as atas de um congresso sobre a adolescência. E permite escutar jovens com muitos matizes. A mesma coisa me acontece com o cinema.

Além disso, os jovens mudam tanto na sua linguagem, nos seus gostos, nos seus códigos, que nós sempre nos vemos atrás deles. É muito difícil estar em sintonia com a juventude que nos consulta nos consultórios. A sensação que tenho é de que tentamos nos aproximar, mas, quando chegamos aqui, eles já estão lá. Nisso há uma espécie de lacuna intransponível. Minha maneira de suportar essa lacuna é me colocando na posição de que sei que sempre estarei atrás deles. Nesse sentido, a maneira de assistirem à televisão, o uso que fazem de seus celulares, a gíria que usam, tudo me parece sempre um pouco enigmático. Então, tento, nessa clínica, mais aprender do que recorrer a uma teoria que aplicaria com os jovens. Acho que isso não funciona muito.

BT – Talvez eu vá causar polêmica. Em psicanálise, evidentemente, se aplicamos uma teoria, de algum modo matamos a experiência. Mas eu estava me lembrando de algumas ideias fortes em psicanálise. Por exemplo, o espaço transicional e o espaço potencial. São ideias que transformaram, a meu ver, o modo de pensar e o de estar com o paciente. Existem autores que tiveram intuições e deram forma a algumas dessas intuições que nos fizeram mudar a concepção do trabalho.

Tal, entre outros, o caso de Mannoni, ao escrever, nos anos 1960, *A primeira entrevista em psicanálise*. Antigamente, o trabalho psicanalítico com a criança



consistia em receber a criança, trabalhar com ela enquanto os pais ficavam de fora. Quando se começou a pensar que havia uma transferência dos pais para com o analista de criança e dentro do modelo de que a criança tem um lugar no desejo do outro, e de que isso estrutura um pouco um lugar determinado da criança, ao lado de abusos enormes, abriu-se igualmente um campo para pensarmos em como conduzir as entrevistas com os pais, que lugar eles vão ter e a sua transferência para com o analista de crianças. E isso tudo era deixado de lado.

Quanto à questão das teorias... Claro, depois que uma teoria é formulada, surgem centenas de trabalhos que reproduzem aquela intuição, aquele momento da descoberta. Na análise de criança, como no campo geral da análise, houve momentos em que algumas teorizações jogaram luz sobre um tema. Isso, de algum modo, fez avançar a nossa possibilidade de trabalhar em psicanálise com certas patologias, certas dificuldades e situações antes não muito bem detectadas. O que não quer dizer que você vá, obrigatoriamente, aplicá-las ou reproduzi-las.

Em tudo o que publicamos – nas revistas todas, na nova *Caliban*, na *Revista Brasileira* – existe a possibilidade de, no garimpar, extrair algum autor. Afinal, nós publicamos autores. E para que publicá-los se tudo se reduzir à mera repetição, a um moto-contínuo? Penso que publicamos na esperança de que surja algo, um gesto criativo, um momento de inovação que nos ajude a ver melhor. Subir no ombro de um gigante não significa que você vá reproduzi-lo ou aplicá-lo, mas que vai ter elementos para ver com mais acuidade. Há que se correr certo riscos. É claro que quando você está na posição de analista as descobertas serão suas, mas existe um caminho já percorrido e, às vezes, ele ajuda.

Falando em autores no Brasil, há um autor italiano que morou muito tempo em São Paulo e depois voltou para a Itália, não sei se o conhecem: Armando Bianco Ferrari. Ele foi didata da Sociedade de São Paulo e escreveu sobre a adolescência de um modo que eu acho dos mais criativos, no sentido de realmente dar à adolescência o lugar singular que ela tem.

Poderia, ainda, citar trechos de Winnicott ou as intuições originais da Melanie Klein. Sem dúvida, ambos são fundamentais, em certos momentos. Na Argentina, há Silvia Bleichmar, com as questões que ela trouxe sobre diagnóstico e os modos de intervir, conforme determinadas estruturas. Tudo isso para mim são elementos valiosos, que ajudam, aos quais eu posso não me submeter, mas que me auxiliam a transitar.

MH – Não posso polemizar porque concordo. Tentei destacar uma posição, mas também houve, para mim, coisas fundamentais no que se refere a autores. Por exemplo, quando você falou de Mannoni, lembro, quando li *A primeira*



entrevista com o psicanalista, o efeito que ela teve em mim. Não foi “- Bem, aprendi os seguintes conceitos a aplicar.” Mas o que mais me impactou desse livro é quando fala que, na primeira entrevista com o psicanalista, é preciso que aconteça *algo*, algo que sacuda de alguma maneira. Quando me refiro à bibliografia psicanalítica da adolescência, me refiro ao que acontece com outras disciplinas, ou seja, a necessidade de se estar atualizado sobre o que está sendo publicado, como se houvesse uma espécie de progressão cumulativa do conhecimento. Eu, na verdade, leio pouco sobre algo que seja novidade e leio muito sobre aplicação. Nesse sentido, às vezes, é muito mais *fresco* ler os clássicos (os dois Mannoni, Winnicott é um clássico) que o que se produz mais contemporaneamente. Contemporaneamente, há uma pessoa que está muito perto de nós e que acho muito interessante para se pensar a adolescência, é Marcelo Viñar, do Uruguai. Ele tem escrito muito sobre a adolescência e tem uma abordagem dos jovens que recomendo fervorosamente. Escreveu alguns livros e, além disso, a maneira como se transforma em interlocutor dos jovens é maravilhosa.

RP – *Bem, estamos chegando ao final. Foi maravilhoso conversar com vocês. Queríamos agradecer esse debate tão rico e também aproveitar para entregar um presente a vocês, presente que não podem devolver...! (Entregamos exemplares da nossa revista).* □

Tradução de **Beatriz Affonso Neves**
Revisão técnica de **Rosane Poziomczyk**

Bernardo Tanis
Rua Capote Valente, 432/142
Pinheiros
05409-001 – São Paulo – SP – Brasil
e-mail: tanis@uol.com.br

Mariano Horenstein
Los Aromos 232 – B° Las Lomitas
5105 – Villa Allende
Córdoba – Argentina
e-mail: mmhorenstein@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA